

**REBAIXAMENTO FEMININO E LINEARIDADE MASCULINA EM A VIÚVA
SIMÕES, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA**

MARQUES, Aline Cristina de Farias (PG-UEM)
ZOLIN, Lúcia Osana (coautor -UEM)

RESUMO: O romance *A viúva Simões*, de Júlia Lopes de Almeida, foi publicado em 1897. Nele é possível vislumbrar um retrato da sociedade carioca, na passagem do século XIX para o XX. Pretendemos com esse artigo abordar a situação da mulher, particularmente da mulher viúva, num contexto sócio-cultural um tanto refratário aos seus interesses individuais. Percebe-se na personagem viúva certo esforço para escapar à injunções do patriarcalismo ideológico, o que estabelece, como parte importante da trama, um jogo contra-ideológico expresso pelo confronto entre aspirações individuais e injunções coletivas. A condição da mulher, no romance, será avaliada por sua mobilidade diegética em si, no enfrentamento das situações adversas, e por suas relações com algumas instituições (educação, profissão, casamento), normalmente funcionando sob a égide do pensamento e da vontade patriarcalista. Supõe-se que o patriarcalismo ideológico força a mulher a assimilar valores masculinos como verdades irrecusáveis, estabelecendo, mesmo entre mulheres, um auto-policamento. Em *A Viúva Simões* é possível verificar – talvez como quisesse a autora – algumas fraturas no ideário patriarcalista, sem que isso signifique, para os interesses da personagem, sair ilesa do confronto.

PALAVRAS-CHAVE: *A Viúva Simões*; representação feminina; patriarcalismo; crítica feminista.

1 - Introdução

Esse trabalho pretende expor a situação de uma mulher viúva no contexto da sociedade carioca dos fins do século XIX, tal como se apresenta no romance *A viúva Simões*, de Júlia Lopes de Almeida, publicado em 1895. Trata-se, portanto, de abordar a trajetória da personagem feminina em situação especial – a viuvez –, o que a situa num quadro de valores sociais razoavelmente delimitados, configurando conflitos específicos no âmbito das diferenças entre os sujeitos masculino e feminino. Nessa escaramuça ideológica opondo gêneros, o silenciamento social da mulher, no romance, não é pleno, pois ocorre aí reação. Procuramos demonstrar essa experiência expondo a trajetória de Ernestina, a viúva Simões, partindo do princípio de que ela vive um dilaceramento psico-emocional causado pelo excesso de atribuições e expectativas sociais (relacionadas à viuvez e à maternidade, em particular), de bases patriarcalistas, nem sempre fáceis de serem cumpridas, e que dificultam a realização pessoal da personagem

no plano amoroso. Observa Duarte (2002) que o homem constrói as necessidades das personalidades femininas por meio do domínio que ele exerce, inclusive lingüístico:

O fracasso das mulheres está presente nos discursos que constroem as expectativas em torno da mulher como aquela que tem a seu encargo zelar pela família e pelo lar. Suas funções são de procriar, administrar a casa, a comida e os movimentos dos membros desta família. As frustrações que as personagens apresentam estão ligadas ao não cumprimento exitoso destas funções (DUARTE, 2002, p.175-176).

A luta pela superação das barreiras e o relacionamento amoroso malgrado resultam, segundo essa ótica, de um confronto de gêneros. Em *A viúva Simões* percebe-se a cultura patriarcalista institucionalizada (educação, casamento, maternidade), a definir a situação das personagens no contexto em que vivem, pelo que essas instituições impõem e pelo que prendem. Sartre, Beauvoir e Millet ratificam essa força impositiva, segundo Zolin:

[...] toda manifestação de poder exige o consentimento por parte do oprimido. No caso da mulher, tal consentimento é obtido através de instituições de socialização, como a família, ou através de leis que punem o aborto ou a violência à esposa, afirmando, às avessas, o poder masculino (ZOLIN, 2005, p.189).

O romance trata da história de Ernestina, uma mulher de origem modesta que, após uma desilusão amorosa, realiza um casamento sem amor com o comendador Simões, de cuja união nasce Sara. Falecido o marido, resta-lhe, além da fortuna herdada, o enfrentamento social. O reaparecimento de um antigo amor, Luciano, reanima o cotidiano solitário de Ernestina e movimenta a trama. Com o tempo, mãe e filha (sem que a filha saiba inicialmente) passam a disputar a afeição do rapaz. Ao fim, as duas perdem; o gênero feminino, por assim dizer, perde.

O pensamento patriarcalista dominou durante muito tempo a vida social brasileira, com resquícios ainda vivos. Uma ideologia tão forte não poderia deixar de atingir negativamente as mulheres em proveito de interesses masculinos. Pelo fato de estar em todo lugar, inclusive na linguagem, o patriarcalismo forçou a sujeição da mulher fazendo com que assimilasse alguns preceitos como verdades incontestáveis. Houve, contudo, reações, inicialmente tímidas, restritas a desabafos mais individuais. Não houve condições para reação ostensiva e organizada. Basta considerar que a

mentalidade patriarcalista alcançou também o próprio o modo de pensar das mulheres, restringindo bastante a possibilidade de formação de grupos, de ação conjunta, mesmo que em termos apenas ideais, por identidade de gênero. Logo, essa reação ante a força do patriarcalismo haverá de ser particularizada, por iniciativas pessoais, seja em termos autorais, seja no plano intra-textual, na construção das personagens.

Algumas mulheres recusaram de diferentes modos a condição submissa em que se encontravam, até mesmo com um aparente ajuste aos valores patriarcais, como fez Júlia Lopes de Almeida no final do século XIX e começo do XX ao conceber seus personagens. O caso de *A viúva Simões* exemplifica bem essa difícil condição da mulher dividida entre a necessária sujeição aos valores patriarcalistas e a necessidade de livrar-se deles e traçar mais voluntariamente a linha do destino individual.

Percebe-se no romance a presença de estereótipos femininos negativos moldados por padrões patriarcalistas. Normalmente, a mulher era vista como um ser inferior, ou limitado, destinado apenas aos afazeres de domínio privado, alguns deles às vezes considerados frívolos, como encontros com amigas, cuidados com a aparência, entre outros. Os padrões comportamentais aceitáveis estavam catalogados socialmente. No romance, assim se desenha a imagem da mulher burguesa do final do século XIX:

[...] Arranjos de casa ... idas à modista...passeios inúteis pela rua do Ouvidor...estudos de música para figurar nos saraus das amigas...um ou outro verão em Petrópolis, raro...e os cuidados pela educação e saúde da filha, pelo bem estar do marido e por bem conservar as regalias da sua vida material, de burguesa rica (ALMEIDA, 1999, p. 43-44)

A resistência a esse tipo de visão (de base patriarcalista) acaba por expor o tónus opressor que recai sobre a mulher por força de instituições que moldam seu comportamento. Neste sentido, a viúva Simões torna-se paradigma de mulher dividida entre a vontade coletiva, que restringe seus movimentos, e os anseios pessoais, libertários em certa medida.

2 - Viuvez, vigília social e reação

A condição da viuvez, presente já no título da obra, conduz a intriga e seus desdobramentos. Para uma mulher do final do século XIX, ser viúva requeria, entre

outras obrigações, e de zelar pela imagem do falecido marido, pois continuava a representá-lo, e por isso era cobrada socialmente. No caso da obra em análise, a personagem principal, além de ser viúva, é mãe, e com isso aumentam suas obrigações de mulher, tal como as concebeu a ideologia patriarcal. Sua identidade como mulher é, em parte, construída “de fora”. Começa por ser identificada pelo sobrenome do marido, como se ela não tivesse existência além daquilo que representa como viúva, como ex-esposa do Simões. Continua parte integrante da família do marido, ou sob a tutela ideológica do que ele representou socialmente como homem e pai de família. A autora poderia optar pelo título *A viúva Ernestina*, contemplando com isso o nome da mulher que sobrevive à morte do marido, mas certamente não quis ferir o código ético de então. Esse nome, Ernestina, só aparece na narrativa um tanto distante do início, no contexto em que se registra a volta de Luciano, o antigo namorado dela, anterior ao casamento.

Abre-se para Ernestina, com esse reaparecimento, a possibilidade de uma retomada do passado, mas agora sob o crivo da moralidade, da censura social. Depois de casar-se com Simões, depois de enviudar, perde ela autonomia (relativa que seja) anterior ao casamento. Como senhora Simões, deve atender a certas expectativas, entre elas a de policiar sua conduta, a de restringir seu espaço de atuação. Ela continua, de certo modo, identificada como uma mulher que pertenceu a certo homem. Desde as primeiras linhas do romance, observamos esse peso social da viuvez associada à condição de mulher como rainha do lar: “Apesar de moça e rica, a viúva Simões raras vezes saía; dedicava-se absolutamente à sua casa um bonito *chalet* em Santa Tereza” (ALMEIDA, 1999, p.35).

A imagem da mulher submetida ao domínio privado, no lar, como previa o mandamento patriarcalista, é recorrente no romance, e, como mostra o texto, não chega a ser aguerridamente contestado: “A viúva, modesta, e um pouco indolente para os deveres exteriores, consumia ali, dentro das suas paredes, toda a sua atividade” (IBIDEM, p.35). O receio que a mulher sentia de transgredir as regras fica evidente, no entanto, neste trecho, onde se confundem conformismo e acomodação: “Em vida do marido freqüentara algum tanto a sociedade; mas depois que ele partiu sozinho para o outro mundo, ela encolheu-se com medo que se discutisse lá fora a sua reputação, coisa em que pensava numa obsessão quase neurótica” (ALMEIDA, 1999, p.35-36).

Na ocasião, o matrimônio impunha a submissão da esposa ao marido, às vezes com o respaldo da legislação. A perda do seu sobrenome em favor daquele do marido reforça essa sobreposição. A viuvez não altera automaticamente essa situação. As restrições, como vemos no romance, continuam, em nome de uma respeitabilidade que beneficiaria o morto e as sobreviventes. Essa preocupação social se configura, e de maneira ostensiva, num porta-voz aparentemente inusitado, o retrato de Simões, primeiro instalado na sala e depois, por interferência da filha (a mãe mandara o quadro para a casa de uma antiga ama), no quarto de Ernestina. A viúva sente-se constrangida até nos pensamentos: “... não teve coragem de levantar os olhos; receou ver erguer-se da sua cadeira de veludo escarlate, na grande tela em frente, o marido terrível e ameaçador” (IBIDEM, p. 50). Noutro momento sente que dessa tela sombria “o marido parecia acompanhá-la com a vista” (IBIDEM, p.104). Ao fim do romance, já em situação de desgraça, e demonstrando a aceitação de valores patriarcalistas, Ernestina é obrigada, ainda outra vez, a enfrentar o retrato do marido, posto justamente na cabeceira de sua cama. Ele “parecia estar ali para proteger a filha e argüir terrivelmente a esposa. A viúva via incessantemente esta pergunta atroz nos olhos dele: – Que fizeste de nossa filha?!” (IBIDEM, p.175).

Ressalte-se que essa situação final carregada de tristeza e de arrependimento não nos autoriza a ver Ernestina como uma mulher moralmente reta, de índole imaculada. Foi interesseira e ardilosa quando quis. Negaceou para casar-se com o “bom Simões”, e por vingança, já que Luciano trocou-a pela Europa “sem explicação”. Essa determinação pessoal, em certa medida contrária à moral, é que a leva, já viúva, a reativar a antiga paixão, colocando-se, pelo desdobramento dos fatos, em situação conflituosa. Júlia Lopes de Almeida não criou uma mulher resolvida na santidade estóica. Ernestina perde, em virtude, quando comparada à filha, uma moça com “qualidades perfeitas”, inimiga da mentira e capaz de sacrifícios. Sara seria “esposa amável e honesta” (IBIDEM, p.161). Os estereótipos estão prontos, como diz Luciano a certo instante: a mãe serve aos sentidos; a filha, ao coração. Uma é “fogo que queima a carne”, a outra é “luz benéfica”. Curioso notar que a sexualidade é atributo da mulher madura. Por se tratar de viúva, com uma filha, esse qualificativo soaria, então, como contravenção. E revela a capacidade de reação de Ernestina. Luciano ouve de um amigo (para quem os homens são “viciosos”) que as algumas mulheres (não pensa

necessariamente em Ernestina) retribuem, sem escrúpulo, as mentiras que os homens lhes pregam. Em outro momento sustenta o narrador (porta-voz da autora?) que “os homens são menos volúveis do que as mulheres” (ALMEIDA, 1999, p.53). Essa dupla visão da mulher afasta do romance de Júlia o romantismo ingênuo.

3 - Maternidade agônica

Com a chegada de Luciano, todo o regime de submissão ideológica, visível até nas dificuldades para se cumprir o rito social, fica mais evidente. E se torna agônico quando se estabelece o triângulo amoroso envolvendo mãe e filha. A função materna torna-se então conflituosa.

Em face das atribuições da mulher, principalmente a partir do casamento, algumas necessidades afetivas de Ernestina, viúva embora, se configuram como enfrentamento. De acordo com as expectativas patriarcalistas, a realização pessoal da viúva deve coincidir, para tornar-se exemplo social, com o zelo da prole. A viuvez se apresenta, assim, como uma ruptura, ou uma restrição da capacidade afetiva. O respeito à família, ao marido morto, implica uma espécie de cancelamento das ilusões. Ernestina não deve “soltar-se”, ou, caso contrário, deve dispor-se a pagar o preço. E ela se mostra bastante disposta a enfrentar os obstáculos. Após o encontro com Luciano, interrompe o luto, abre-se para a aventura amorosa: “Vestia-se devagar, demoradamente. A lã preta do luto repugnou-lhe; aquele traje áspero e triste não era o que o seu corpo desejava” (IBIDEM, p.81). A filha reage, e ela responde dizendo que “o luto é uma tolice” e que já deu “uma satisfação à sociedade” (IBIDEM, p.105). Retirou o luto também a pedido de Luciano, que comparou essa atitude a uma prova de amor. Curioso notar, nesse pedido, um embate arquetípico entre homens, um deles, vivo, querendo sobrepor-se ao morto. Luciano quer “derrotar” Simões privando-o de sua respeitabilidade social, e Ernestina não se opõe. Faz mais: permite que o amado retire a aliança da mão dela. Ao rolar pelo chão, o anel consagra a “transgressão”, e com ela sobrevêm os conflitos de consciência. Ernestina sente-se dividida entre a vontade coletiva e o projeto individual. Seus anseios parecem, então, contrariar a imagem da mãe zelosa:

Ela tinha uma filha, Sara, que era o seu conforto e a sua agonia. Por causa dela renunciava aos divertimentos do mundo, exagerando as

suas atribuições caseiras. Tinha medo de apaixonar-se um dia, fugia do perigo de amar, de trazer para casa, para o gozo do seu corpo e da sua alma, um padrasto para a filha, um estranho com quem tivesse de repartir os seus cuidados e as suas riquezas (ALMEIDA, 1999, p. 37).

Essa interpretação é também expressão da vontade coletiva e expõe os obstáculos para o exercício do interesse individual. Parece que afeição maternal não combina com fruição física. Mas a viúva decide enfrentar esse e outros obstáculos, num contexto bastante dramático, que mistura recordações idílicas do passado (do primeiro amor, agora de volta), e a maternidade tornada incômoda, e que se tornará, com o desdobrar dos acontecimentos, angustiante, quando sua libertação como mulher implica gostar de um homem de quem a filha também gosta.

Ernestina contrapõe amor maternal e amor físico, e este supera aquele em positividade. Num certo momento percebemos que as lembranças desse amor de juventude superam as preocupações com a filha:

Com o jornal caído nos joelhos, a viúva continuava imóvel, misturando na idéia a lembrança da morte do pai com as expressões amorosas de Luciano, o nascimento da Sara, o dia da partida do namorado e o dia de seu casamento com o Simões; a paciência do marido, os sucessos de sua voz nos concertos do Nunes, a última carta de Luciano e o primeiro beijo da filha ... lágrimas, alegrias ... (IBIDEM, p. 44)

Esse conflito entre amor materno e amor sexual permeia boa parte do romance e expõe as fissuras psicológicas de uma mulher dividida entre a vontade social e os impulsos do coração. Em alguns momentos Ernestina mostra-se decidida a privilegiar um aspecto; em certos instantes, outro, oscilação emocional bem definida por este trecho: “Chegou a lamentar o nascimento da filha, mas desse sentimento arrependeu-se depressa; adorava Sara, e queria-a sempre bem pertinho de si” (IBIDEM, p.91).

A esse obstáculo – a filha – se junta outro, a resistência de Luciano ao casamento. Essa cerimônia atenuaria a censura social, mas o rapaz prefere que Sara se case primeiro, para que a presença do *outro*, o pai dela, não interferisse, por ela, na felicidade doméstica. Ernestina acata a sugestão e pede à filha que se case. Quer cuidar de sua individualidade. O lado fêmea parece sobrepor-se, aqui, momentaneamente, à afeição materna.

Esforçando-se para resolver sua vida, a viúva acaba por aproximar Luciano e Sara, para logo perceber que os dois se apaixonam. Mãe e filha se tornam então rivais, com prejuízos maiores para a mãe, que sofre ao comparar-se fisicamente com Sara, ao vê-la dançando com Luciano. Mas Ernestina não se permite sucumbir, antes sente exacerbar – e não sem sofrer – o desejo físico. Acaba por revelar sua afeição pelo rapaz, entendendo que isso resolveria a seu favor aquela situação angustiante:

“– Escuta! Para ti ele é um amor que começa, um capricho de criança talvez, que se apagará depressa; e para mim ele é a vida, toda a minha mocidade! Eu era ainda mais nova do que tu e já o amava!” (ALMEIDA, 1999, p.166).

No contexto da viuvez, essa sobreposição do interesse individual ao familiar haveria de encontrar resistência no código social patriarcalista. Em termos diegéticos, a censura, transformada em condenação, se resolve pela situação final, quando mãe e filha retomam a solidão inicial, agora feridas no coração, vivendo uma harmonia duvidosa. Sobre essa situação de infelicidade, observou Constância L. Duarte:

O fim trágico reservado a cada uma das personagens [...] demonstra a culpa que lhes é atribuída no imaginário social, exigindo a reparação através do sofrimento que lhes é imposto como consequência natural do prazer sentido na transgressão que ousou viver (DUARTE, 2002, p. 176).

4 - Rebaixamento feminino e linearidade masculina

O drama da viúva Simões no contexto social dominado por valores patriarcalista pode também ser considerado segundo a natureza do relacionamento que ela e a filha têm com Luciano, um galanteador inescrupuloso, que se deixa envolver com Ernestina para “matar o tempo”. Chega a desejar que ela tivesse alguma falha de conduta, o que a descredenciaria para compromisso sério e firmaria sua ascendência moral sobre ela. Em conversa com um amigo, considera o casamento uma “asneira”, mas sugere que, sem a concorrência de Sara, levaria vantagem financeira no negócio. Sobre Sara, de quem Luciano se aproxima com interesse menos escuso, chega por vezes a confundir afetividade com desejo físico:

Aquela cisma e súbita melancolia da moça tornavam-na como que uma imagem de santa milagrosa, que ele tivesse visto surgir por encanto daquelas flores ou daquele mar. Ora desejava vê-la sempre

assim, imóvel e serena, ora sentia ímpetos de a beijar, de a morder, de lhe dizer que a amava! (ALMEIDA, 1999, p.149).

Ernestina (principalmente ela) não alcança o sentido verdadeiro da presença de Luciano na vida delas. Passa, portando, como mulher iludida, enganada. O dominador masculino se mostra nocivo, sem que isso altere, na base, a positividade de seu destino, na seqüência. Luciano segue seu rumo linearmente, sem seqüelas dos acontecimentos. Ao contrário, a mulher padece no rebaixamento, paga pelos “desvios” de conduta, de que também participa o homem. Ernestina é que se apresenta como transgressora, já que as restrições sociais ao comportamento masculino, pequenas, não implicam necessária e imediata sanção, ou, em outras palavras, não criam margens para que se reconheçam desvios condenáveis. Essa perda unilateral pode ser vista na solução da intriga: Luciano segue seu curso normalmente enquanto Ernestina e a filha, sem horizontes de mudança, ficam com o peso nefasto dos acontecimentos:

Dias depois, a viúva Simões acompanhava com a vista, do seu terraço de ladrilhos cor de rosa, um paquete transatlântico, que demandava a barra, levando Luciano para a Europa [...]. Ao lado de sua mãe, numa cadeira de rodas, Sara, com o seu eterno e doloroso sorriso, fazia e desmanchava a única coisa bela que lhe ficara: a sua trança loura. (IBIDEM, p.209)

A situação de Sara, então, contrasta com aquela anterior ao envolvimento com Luciano, quando encantava com “o bom ar de saúde, de inocência e de alegria que se emanava do olhar franco, da sua pele rosada e fresca, e da sua boca simpática” (IBIDEM, p. 57). Ernestina, por sua vez, não pode mais desfrutar a condição de viúva respeitável, de mãe dedicada. Luciano, ao responsabilizar-se também por essa situação, não deixa de se fazer de vítima:

O arrependimento de Luciano crescia, à vista da doente [Sara]. Já nada esperava, não podia à força de amor resgatar culpas antigas... Todas as noites saía daquela casa pensando em não voltar... que ia fazer ali, entre duas mulheres, vítimas do seu capricho de homem gasto pelos prazeres e pelas dores da vida? Ele não era mau afinal... como se tinha deixado levar tão levemente, em tudo aquilo?! julgara talvez todas as mulheres iguais... (ALMEIDA, 1999, p.200-201).

No juízo de Dona Candinha, uma conhecida de todos, essa repercussão superficial do desastre é peculiar aos homens: “Conheço os homens, as impressões neles não duram como em nós...” (IBIDEM, p.206). Luciano, embora danoso às duas mulheres, segue tranqüilo para a Europa. Essa pintura romanesca da realidade reproduz, é de ser crer, alguns fundamentos da realidade social do tempo da autora: a mulher transgressora é penalizada; o homem não.

No romance *A viúva Simões*, a transgressão do código social ofende e rebaixa a mulher sem alterar a situação do homem. E esse resultado pode ser explicado pela força da ideologia patriarcalista que alimentava esse código. Os conflitos vividos por Ernestina expressam a luta da individualidade que tenta se impor e falha.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Júlia Lopes. *A viúva Simões*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.

DUARTE, Constância Lima. *Gênero e representação na literatura brasileira*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

ZOLIN, Lúcia O. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O. (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p.275-283.